

exposição

pintura/ fotografia/ vídeo/ instalação

EDUARDO
CARQUEIJEIRO



17 JUN
16 OUT / 16

museu de angra do heroísmo
SALA DACOSTA

lugar
fictício

terra
prometida

17 JUN
16 OUT /16
museu de angra do heroísmo
SALA DACOSTA

lugar fictício / terra prometida

Se, a acreditar no que nos diz Derrida, qualquer obra é inacessível, e que nos resta apenas andar às voltas ("tourner autour"), alinhando palavras "sem tocar", então, neste pequeno texto, mais não faremos do que reagir a alguns desafios lançados por Eduardo Carqueijeiro que, ao colocá-los, aguarda a nossa reacção enquanto receptores.

O adjectivo "fictício", escolhido para a primeira parte do título desta exposição, ao reenviar-nos para um espaço idealizado, onírico, subverte desde logo a promessa salvífica para que a segunda parte parece apontar e remete-nos ainda para outra aceção do étimo latino que lhe está na base (*fingere*), isto é, para a acção de fabricar, moldar, ao mesmo tempo que parece designar o lugar onde o artista-voyeur se coloca.

Com efeito, o pintor/fotógrafo vai estabelecer uma relação com o mundo, com o espaço exterior, a partir de um olhar envolvente, mas raramente implicado, numa distância consentânea com os meios e técnicas de desrealização e desmaterialização a que geralmente recorre.

Neste lugar, o espectador vai descobrindo uma montagem, a partir de afinidades temáticas e formais, apoiada numa variedade de suportes e de meios técnicos ao serviço de uma representação do real que nos desafia. Correspondências várias vão surgindo, afinidades ou conflitos, entre obras que estabelecem entre si uma boa ou uma má vizinhança...

Alguns núcleos centram-se em temas poéticos inesgotáveis, a ilha, a montanha, lugares físicos bem concretos, sem nada terem de fictício. Ai o artista dá a ver/explora o objecto nas suas potencialidades estéticas, promove vários disfarces e metamorfoses consoante a luz, a cor, num processo de desrealização que parece eliminar o capital simbólico da ilha – fechamento, exílio, sacralidade... – ou, no caso da montanha, verticalidade, ascensão... Contudo, a luz e as transparências que promove, vem por vezes conferir-lhes uma certa espiritualidade.

Num outro, dedicado às "lavas", estas vão pouco a pouco, ao longo das fotografias que as representam, destacando-se, autonomizando-se da paisagem que as cerca. Ai deparamo-nos com a sua espantosa plasticidade, quando se transformam numa amálgama de corpos retorcidos e calcinados, estranhamente recordando o horror de outros bem mais reais, ou ainda num remoinho de cordas e troncos, monstruosos e fantásticos nódulos que acabam por se transfigurar num ávido, devorador corpo feminino.

Num outro registo, em outros núcleos da exposição, somos confrontados com uma mistura de técnicas (a pintura com colagens, fotografia, BD, manga japonesa...) e uma imagética da cultura urbana que nos remetem evidentemente para uma certa *pop-art*, ou para um certo "novo realismo", mas que ultrapassa, contudo, a mera crítica à sociedade de consumo dos nossos

"tempos modernos". Por outro lado, são estabelecidos diálogos com a própria história da pintura, sobretudo a europeia, alargando dessa forma o espectro do nosso imaginário cultural e estético.

Com estas estratégias, com estas sobreimpressões sugestivas e todo o seu potencial estético, pretende-se questionar o nosso mundo ao mesmo tempo que o espectador, provocá-lo, levando-o a reagir à novidade das imagens, que veiculam problemas e questões que voltaram a colocar-se, infelizmente, nos dias de hoje.

Tecnologia que se tornou heroica, ausência de valores éticos seguros, onde o lixo e o luxo coabitam, amálgama indiscriminada entre "bons" e "maus" heróis, votados a um qualquer bazar de brinquedos, entre espadas e capacetes de plástico.

E não é um homem que vem enunciar/anunciar/reiterar a constatação inevitável "*On dit que notre monde est fait de vainqueurs et de perdants*". Não é um homem, mas ironicamente um ursinho de peluche, num grande quadro onde, num vasto fundo azul, umas etéreas bolhas de ar envolvem (conservam, perpetuam, apesar da fragilidade da protecção?) vários vencedores e vencidos. Por um lado, figuras saídas de quadros antigos: reis, personagens poderosas... Por outro, mártires (S. Sebastião), explorados (a camponesa do "Angelus" de Millet), crianças envolvidas na guerra (o inofensivo "Pifaro" de Manet), a velhice (a "Mãe" de Whistler). Mas ainda figuras que povoaram o nosso imaginário infantil, os heróis da Disney, como Donald, o pato, a Minnie e o Mickey...

A fluidez e ligeireza que este quadro veicula vai ter como corolário mais evidente e agressivo, por ventura mais eficaz, a instalação intitulada "World remix/O estado do mundo", onde a quantidade e sobreposição de media para dizer esse mundo (projectão de imagens TV, internet ...) não consegue ultrapassar a maldição de Babel: "Stop making sense". Não foi só a comunicação, apesar de todos estes novos meios, que falhou, é o mundo que deixou de fazer sentido. Veja-se o núcleo centrado nas migrações passadas e presentes, nos exílios e dilacerações para que nos reenviam. Um mundo em que a violência mais bárbara e a guerra estão de novo em todo o lado.

Para além do prazer estético que uma incursão neste "Lugar fictício", nesta Terra tão pouco "Prometida", proporciona, esta história de filiações, de diálogos vários, de cruzamentos e intertextualidades, ajuda-nos a olhar para uma realidade cada vez mais complexa e perigosa. Obriga-nos a uma tomada de consciência e de posição relativamente a temas que julgávamos já terem deixado de "fazer sentido". Julgávamos...

"Ingénuo, tem conta de tíl"...

Paula Mendes Coelho
(Professora Universitária e ensaísta)
Lisboa, Junho de 2016



VISÕES E PAISAGENS NA ERA DO ANTROPOCÊNICO

O que sonham as mulheres e os homens na Era do Antropocénico? Que mitos povoam o inconsciente colectivo deste tempo em que a espécie humana se espalhou pelo Planeta inteiro, lançando satélites artificiais para outros planetas, e sondas que navegam mesmo para além do sistema solar? Uma vibrante resposta é aquela que esta exposição exuberante e plural de Eduardo Carqueijeiro nos oferece. Transformando a riqueza de uma vida intensa de artista plástico, mas também de arquitecto e ambientalista, em poderosa força criativa, Eduardo Carqueijeiro faz cruzar neste imenso "Lugar Fictício/Terra Prometida" as constelações de um imaginário global, clássico contemporâneo e ultramoderno. Vivemos num tempo febril, dentro de imensas bolhas simbólicas, usamos gramáticas que articulamos na fala, mas que, na verdade, nos penetram e significam, através dos nossos gestos e da nossa passagem pelo mundo, sentidos que nos transcendem. Vozes dentro da nossa voz. Mensagens que apenas pressentimos ou escutamos como débeis e indecifráveis sussurros.

Na Era do Antropocénico, a humanidade assumiu-se como o maior agente transformador, física e morfológicamente, à face da Terra. Somos mais de sete mil milhões de vidas, estendendo os seus medos e esperanças pelas paisagens do mundo. Alteramos a estrutura química da atmosfera. Fazemos recuar a criosfera. Esventamos a litosfera. Reduzimos a biosfera, como antes só o fizeram as colisões de meteoritos ou o eclodir de supervulcões. Perseguiamos a biodiversidade, no coração das últimas florestas húmidas, ou no mais fundo da coluna de água dos oceanos. Procuramos a nossa pátria numa peregrinação infatigável, das montanhas aos oceanos, da solidão das grandes cidades, às pontes sobre rios sombrios, dos pináculos dos arranha-céus, abrindo os seus braços para o nada, imitando as antigas catedrais que cresciam serenamente para Deus. Descemos à memória da Torre de Babel, esse mito da sempre adiada unidade do homem, contrastada pelas trágicas marcas dos rostos da sua estéril e sangrenta discórdia.

Eduardo Carqueijeiro representa toda esta vertigem através dos múltiplos modos do seu labor estético. Da pintura ao vídeo. Da fotografia às instalações. Antes, era um sonho de futuro a mola que fazia mover as mulheres e os homens. Hoje, parece que queremos fugir de um pesado adveniente, persistindo em habitar na vigília de um improvável eterno presente. Parecemos poderosos e produtivos, mas nas feridas que rasgamos no mundo, e nas cicatrizes abertas dos nossos corpos, demoramos a compreender que só o puro silêncio permite o som límpido. Que só o reconhecimento da mortalidade, garante o exercício da força libertadora da fragilidade. Esse tesouro da condição humana.

Viriato Soromenho-Marques

exposição
pintura/ fotografia/ vídeo/ instalação

EDUARDO
CARQUEIJEIRO



17 JUN
16 OUT / 16

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO
SALA D'ACOSTA

lugar fictício / terra prometida

EDUARDO
CARQUEIJEIRO


cultura
governo dos açores

EDUARDO CARQUEIJEIRO é, entre outras coisas, pintor. Em constante actividade, tem organizado e/ou participado em exposições individuais, colectivas, pintura ao ar-livre, encontros, conferências, performances, publicações, espectáculos musicais, para além de ser monitor de cursos livres de pintura. É ainda um profissional dedicado à sua profissão e paixão com experiência profícua em Portugal e no estrangeiro.

Natural de Setúbal, nascido em 1958, formou-se em arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1981), tendo tido como professores os mestres Frederico Jorge e Daciano Costa. Em pintura, no AR.CO. em Lisboa, teve como mestres António Sena e João Hogan nos cursos de pintura e gravura, entre 1976-1981. Especializou-se ainda nas reconhecidas escolas de arte de Londres – Slade School of Art e Central St. Martins College of Art & Design (1998 e 2011).

Como artista, tem a experiência e a prática de mais de 30 anos a pintar ininterruptamente, tendo participado em 105 exposições colectivas, sendo esta a sua 25ª exposição individual.

A sua prática profissional está ainda ligada ao ambiente, tendo vivido e trabalhado no arquipélago dos Açores em dois períodos, que considera importantes da sua vida (1982-3 e 2001-6), e em que conciliou o desempenho profissional com a arte. Expôs em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.

A sua pintura encontra-se actualmente representada em inúmeras colecções privadas e instituições nacionais e internacionais. Faz igualmente parte de vários colectivos de arte, comunidades artísticas e movimentos cívico-culturais informais, quer no país quer no estrangeiro.



museu de angra do heroísmo

Ladeira de São Francisco
9701-875 Angra do Heroísmo
Tel. (351) 295 240 800/2
Fax. (351) 295 240 817/8
museu.angra.info@azores.gov.pt

<http://museu-angra.azores.gov.pt/>

Horário (período de Verão)
Terça-feira a domingo e em
dias feriados: 10h00 às 17h30
Acesso para deficientes



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura

Museu de Angra do Heroísmo

MAH

